

# O impacto das revoluções na ordem mundial: uma ausência nos Estudos de Defesa

## Revolution's impact on world order: an absent element on Defense Studies

Rev. Bra. Est. Def. v. 3, nº 2, jul./dez. 2016, p. 91-101  
ISSN 2358-3932

PAULO G. FAGUNDES VISENTINI

O custo da maior integração acadêmica com o mundo 'real' foi uma crescente concentração naqueles aspectos da 'realidade' considerados como adequados pelos financiadores, nos níveis corporativo e estatal.

*Fred Halliday*

O século XX, segundo Hannah Arendt, foi moldado por guerras e revoluções, mas a pesquisa e o ensino das relações internacionais têm tratado os dois temas de forma diferenciada. Há muitos cursos, centros especializados e revistas sobre a questão da guerra, mas a revolução como tema internacional tem sido negligenciada. Como lembrava Fred Halliday (1999), não há revistas especializadas na questão. Por outro lado, as “Revoluções Tardias” (anos 1970-1980) ocorreram durante a crise e a transformação da economia e do sistema mundial e tiveram efeitos importantes, mas foram vítimas do “Fim da História” (Fukuyama), como se o fim da Guerra Fria houvesse anulado seus impactos. É notável como até alguns acadêmicos pouco sabem dos processos que marcaram essas duas décadas, e apenas encaram a China e o Vietnã como Estados pós-revolucionários “Reformados” e o Irã, Cuba e Coreia do Norte como “Estados Renegados”.

A dimensão histórica é amplamente secundária nos estudos de defesa e na análise das relações internacionais contemporâneas, e necessita ser resgatada. Tal resgate representa tanto uma questão histórica como teórica. As relações internacionais, bem como as questões de defesa, como área dominada pela ciência política, têm sido um campo de estudos marcado

por teorizações de caráter instrumental. Sem a autonomia internacional lograda por suas revoluções, China e Vietnã não teriam o desenvolvimento que agora possuem. Sem a construção do Estado, de elites dirigentes e das transformações sociais promovidas por processos revolucionários, a situação de Angola, Moçambique, Etiópia e Irã, por exemplo, não teriam permitido o protagonismo internacional dos mesmos.

Halliday (1983) observa que durante esse período, em pouco mais de uma década, ocorreram quatorze revoluções no Terceiro Mundo. Elas tiveram expressivo impacto regional, gerando tendências e contratendências, bem como violentos conflitos internacionalizados e guerras civis. Devido ao equilíbrio de poder então existente e às transformações por que passava a economia mundial, elas acabaram afetando o sistema internacional. Na segunda metade da década de 1970 encerrou-se a “Coexistência Pacífica” e teve início uma Segunda (ou Nova) Guerra Fria nos anos 1980. Tudo isso contribuiu para uma mudança profunda das relações internacionais, que teve como pivô a implosão do campo soviético e para o desequilíbrio de poder que se seguiu e ainda desestabiliza o sistema mundial (Fontaine, 1995).

### REVOLUÇÕES, A DIMENSÃO AUSENTE NOS ESTUDOS INTERNACIONAIS DE DEFESA

Uma análise histórica mais profunda e objetiva nos mostra que o século XX foi marcado por diversas rupturas e experiências revolucionárias, em todos os continentes, com características intrínsecas e variadas. Além disso, elas marcaram a agenda internacional de maneira profunda e condicionaram a história mundial e a própria evolução do capitalismo. Com as derrotas que marcaram os regimes de tipo soviético ou por eles apoiados, na passagem da década de 1980 à de 1990, instituiu-se um silêncio, coberto por alguns clichês jornalísticos. Hoje, mais de um quarto de século depois, já existe renovado interesse em conhecer o tema. Na Europa e na América do Norte, surgem obras rigorosamente acadêmicas sobre as revoluções e regimes socializantes.

A partir das experiências revolucionárias da transição do Absolutismo ao Liberalismo do mundo burguês que emergia em torno do Atlântico Norte (Revolução Inglesa de 1642, Revolução Americana de 1776, e Revolução Francesa de 1789), forma-se a noção contemporânea de revolução. Ela constitui tanto o instrumento de tomada do poder político, em geral de curto prazo, como um processo político, social e econômico de mudança da sociedade, incluindo a transformação do bloco de poder, em geral de longo prazo. A Revolução Inglesa foi precoce e a Americana periférica (embora com efeitos na América Latina). Já a Francesa introduziu o

elemento ideológico e social nas relações internacionais, de profundos impactos sistêmicos, rapidamente se transformando numa revolução (e numa contrarrevolução) internacionalizada (Chan e Williams 1985). Também transformou completamente a arte da guerra e dos exércitos.

### As Revoluções e seus regimes

Para fins teóricos e metodológicos desse estudo, revolução significa uma mudança política brusca, geralmente violenta (mas nem sempre), com a derrubada de um regime e a luta pela construção de outro novo. Esta ruptura na ordem vigente busca efetuar alterações estruturais nos ordenamentos jurídico-político e socioeconômico. O elemento deflagrador de tal evento pode ser um levante popular, uma insurreição armada, um golpe de Estado ou até mesmo uma transição política relativamente pacífica. Mas para estes elementos conjunturais serem eficazes, é necessário haver condições políticas objetivas favoráveis, domésticas e externas (Richards 2004).

Além das revoluções burguesas, das revoluções democrático-burguesas (com participação ativa da população) e das revoluções socialistas propriamente ditas, durante a segunda metade do século XX, desenvolveram-se as revoluções democrático-populares, especialmente em países periféricos. Trata-se das revoluções de libertação nacional, das democráticas, das anti-imperialistas e das “antifeudais” do Terceiro Mundo, geralmente ligadas à descolonização e ao nacionalismo. Nelas, os elementos deflagradores foram revoltas populares, mobilizações reformistas, golpes de Estado (inclusive militares) e lutas de guerrilha como as teorizadas e promovidas por Mao Zedong, Ho Chi Minh, Fidel e Raúl Castro e Che Guevara, Amílcar Cabral, entre outros (Silva, 2004). Nelas, havia uma aliança entre segmentos da pequena burguesia e do campesinato, além de setores do operariado.

As teorias da revolução e do socialismo ainda estão fortemente centradas nos casos europeus, sendo limitados o conhecimento e a reflexão sobre as experiências do Terceiro Mundo, em geral mais recentes e menos documentadas. Comumente, insiste-se em que os países periféricos “não estariam preparados” para a Revolução e para o socialismo, segundo uma interpretação restritiva. Ocorre que, durante a fase do imperialismo europeu, as contradições sociais mais agudas se deslocaram do centro para a periferia, onde o processo de proletarianização se tornou mais acentuado, com o êxodo rural e a implantação da agricultura voltada ao mercado. É importante ressaltar que a dimensão internacional, já significativa nas revoluções clássicas, se torna ainda mais decisiva no quadro da crescente internacionalização aprofundada pelo capitalismo na periferia (Davis 1985).

Diferentemente do capitalismo, a dimensão política é a instância predominante e, assim, a economia é organizada segundo o princípio do planejamento econômico central (em lugar do mercado), com a propriedade coletiva dos grandes meios de produção e a estatização dos bancos e do comércio exterior. A sociedade tende a ser incorporada num organismo único, com políticas que buscavam a eliminação gradual das desigualdades e da universalização de políticas sociais como educação, saúde, habitação, transporte público, emprego e lazer. Este processo, num quadro de tensão extrema, foi materializado, historicamente, através de mecanismos autoritários e repressivos, embora socialmente paternalistas.

### Revoluções e política internacional

As revoluções sempre estão relacionadas a fatores tanto internos quanto externos e, na sequência de sua concretização, necessariamente geram um impacto internacional na medida em que afetam regras internas nas quais a ordem (capitalista) internacional se baseia. “As Revoluções são eventos internacionais em suas causas e efeitos”, como lembra Fred Halliday (2007, 148). Neste sentido, inspiram forças políticas de outros países, tanto simpatizantes como adversárias. Normalmente as revoluções dão origem a guerras externas, geralmente associadas a guerras civis internas ou são delas resultantes.

Assim ocorreu na Rússia (cuja Revolução aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial) e na China, países de grande relevância na ordem internacional. Nelas, ocorreram invasões externas, guerra civil e outros efeitos mundiais, como a criação da III Internacional (Comunista) e, posteriormente, a existência mais fluida do Movimento Comunista Internacional. Mas também foi o caso da Coreia, do Vietnã, de Cuba e da Nicarágua, nações menores da periferia do sistema mundial. As duas primeiras, apesar disso, adquiriram significado estratégico por estarem na fronteira da China, zona onde o socialismo não estava consolidado.

Os dois últimos casos implicaram alterações dentro de área de influência direta dos Estados Unidos, caso de Cuba, que também teve grande atuação mundial no Terceiro Mundo, sobretudo através do Movimento dos Países Não Alinhados. Já a Coreia do Norte encontrava-se na fronteira chinesa e ao lado do Japão, zona estratégica para Washington, e a guerra de 1950-51 teve repercussão global. No mundo islâmico e no continente africano, por outro lado, esse aspecto revestiu-se de maior complexidade, dado que a construção do Estado nacional ainda se encontrava em fase inicial e, no primeiro caso, estava localizado na zona geopolítica do petróleo.

No caso africano, igualmente, as revoluções ocorreram durante a fase inicial de formação do Estado-nação, na esteira do colapso do aparato burocrático e repressivo colonial, com a exceção da Etiópia, onde ocorreu a conquista do aparelho estatal, que foi transformado e reforçado. Dessa maneira, as revoluções africanas alteraram o precário equilíbrio que ia se estabelecendo entre os jovens e frágeis Estados, gerando amplo efeito desestabilizador. Já a Revolução Iraniana teve características distintas, pois a corrente vitoriosa não se apoiou numa visão marxista, representando um movimento nacionalista, anti-imperialista e uma reação cultural ao Ocidente. Mas seu impacto internacional foi semelhante.

## PERIODIZAÇÃO E TIPOLOGIA DAS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XX

O socialismo de orientação marxista logrou, ao longo do século XX, impulsionar um conjunto de revoluções vitoriosas em sucessivas ondas. A primeira delas teve lugar na esteira da Primeira Guerra Mundial, com o triunfo da Revolução Russa e a construção do socialismo na URSS. A Revolução na Mongólia, por circunstâncias particulares, fez parte desse período. A segunda, decorrente dos movimentos antifascistas e dos resultados da Segunda Guerra Mundial, afetou o Leste europeu, tanto através das “revoluções pelo alto” apoiadas por Moscou, que constituiriam as Democracias Populares, quanto como por meio das revoluções autônomas da Iugoslávia e da Albânia. É importante ressaltar que países como a Alemanha, a Hungria, a Tchecoslováquia e a Bulgária protagonizaram, no final da Guerra (1918-23), revoluções e até (efêmeros) regimes socialistas, com a esquerda sendo, posteriormente, derrotada, às vezes por intervenção externa.

A terceira, que vinha se desenvolvendo paralelamente à anterior, teve como epicentro a Revolução Chinesa, iniciada já na década de 1920, caracterizada pela questão camponesa. Após um quarto de século de guerrilhas e guerras, a nação mais populosa do planeta tornou-se um regime socialista. A Revolução Coreana e a primeira etapa da Indochinesa fazem parte dessa fase. As revoluções marxistas e regimes engendrados na primeira metade do século XX ocorreram “na periferia do centro”, ou seja, as potências capitalistas industriais que dominavam o centro do sistema entraram em conflito aberto (corrida imperialista, Primeira e Segunda Guerra Mundiais), enquanto lutavam por redefinir o sistema mundial e, dentro dele, a posição hegemônica. Assim, foi possível a vitória de duas revoluções e regimes estruturantes de nova realidade mundial, a soviética e a chinesa, que se encontravam na periferia do espaço geopolítico afetado pela gigantesca confrontação e transformação, bem como de alguns países membros.

Finalmente, na quarta e última, o movimento de descolonização e o nacionalismo do Terceiro Mundo protagonizaram o triunfo de diversas revoluções de orientação socialista, como a cubana, a vietnamita, a afegã, a sul-remenita e as africanas dos anos 1970. Elas ocorreram na segunda metade do século XX “no centro da periferia”, isto é, na região meridional do planeta ainda não industrializada, onde ocorria a expansão do *desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo* (Westad 2007; Davis 1985).

Dentre as referidas, apesar dos limitados recursos, duas acabaram se tornando paradigmáticas e tendo efeitos sistêmicos por todo o mundo, a cubana e a vietnamita. Evidentemente, elas estiveram ligadas e dependeram das duas grandes revoluções fundacionais, mas desenvolveram uma dinâmica própria. O caso da Revolução Iraniana pode ser enquadrado nessa categoria, embora seu desdobramento tenha sido diferente como projeto pós-revolucionário. De qualquer forma, a “islamização” do processo revolucionário não anula sua base republicana, modernizadora, anti-imperialista (mas não anticapitalista) e internacionalista (Haghighat, 1985). Também nessa fase se encontram os casos da Argélia e de outras revoluções dos anos 1950-1960.

## CONCLUSÃO

O marco teórico deste artigo embasou-se, primordialmente, nas análises desenvolvidas na obra *Revolution and world politics: The rise and fall of the sixth great power*, de autoria de Fred Halliday, bem como em outros estudos do mesmo autor, identificados na bibliografia. Da mesma forma, busca elementos nas obras de Armstrong (1993), Buzan e Weaver (2003), Calvert (1984), Davis (1985), Gladstone, Gurr e Moshiri (1991), Kissinger (1973), Kolko (1994), Skocpol (1979), Schutz e Slater (1990), Toynbee (1963) e Westad (2007).

Academicamente, as Relações Internacionais iniciaram como estudo da guerra como ato agressivo racional e deliberado, e não como a internacionalização de um conflito social. A própria Carta da ONU se preocupa com a ordem mundial como se ela fosse separada da situação interna dos Estados. Na mesma linha, a Ciência Política anglo-americana considera a revolução como uma quebra de processos regulares. Até a publicação da obra de Theda Skocpol (que de certa forma atualiza o clássico de Barrington Moore Jr., *As origens sociais da ditadura e da democracia*), as revoluções eram encaradas como fenômenos internos. Jack Goldstone (Gladstone, Gurr e

---

. Halliday, Fred. 1999. *Revolution and world politics: The rise and fall of the sixth great power*. London: Macmillan Press.

Moshiri 1991), por sua vez, enfatizou que fatores internacionais (tais como pressões econômico-fiscais e política de alianças desestabilizadoras) enfraqueciam o Estado e provocavam revoluções.

Realistas e neorealistas como Kenneth Waltz, ao não relacionarem as dimensões interna e externa, ignoram que a maioria das alianças visam impedir as revoluções dentro de Estados membros. Certamente as revoluções não podem escapar ao sistema previamente existente, mas elas forçam sua mudança e representam momentos de transição para um mundo novo, embora as Relações Internacionais as percebam como “colapso” (ou ruptura negativa, antissistêmica).

Cabe destacar que toda a revolução tenta internacionalizar-se, da mesma forma que a contrarrevolução (busca de homogeneidade), geralmente sem sucesso. Assim, os limites da “exportação da Revolução” (ou da contrarrevolução), geram tréguas, redução da retórica ideológica e uma postura mais diplomática. Todavia, isso não significa que as revoluções tenham sido “socializadas”, pois, segundo Halliday (1999, 187),

[...] enquanto suas ordens internas pós-revolucionárias permanecerem intactas, elas continuam a representar um desafio ao sistema de outros Estados.

Para a sociologia histórica, o “internacional” criou o Estado, e não o contrário, e no tocante aos processos revolucionários aqui estudados em sua dimensão internacional, cabe ressaltar que guerras geram revoluções e vice-versa. Nos casos analisados, por exemplo, percebe-se que as revoluções dos anos 1970 levaram a guerras convencionais na periferia (com envolvimento de grandes potências), para as quais a comunidade internacional não estava preparada. Além disso, no plano regional o maior impacto não é tanto a ação deliberada, mas o exemplo, que serve de catalisador contra a ordem estabelecida.

Mesmo o marxismo, que supostamente poderia explicar as revoluções que produz, possui limitações explicativas. Uma delas é ter poucos elementos para analisar as diferenças entre as várias revoluções e a persistência da questão nacional. Uma exceção se encontra em Brucan (1974). Outro é que a ênfase nos elementos “infraestruturais” os conduz a uma análise que privilegia as relações capitalistas sistêmicas em escala global. Paradoxalmente, pouca atenção é dada às possibilidades de revoluções. Wallerstein, por exemplo, aposta nos movimentos sociais antissistêmicos e Arrighi (1996) navega pelos ciclos econômicos sem encontrar-se com as revoluções nem lidar adequadamente com Estados pós-revolucionários como a China. Pensam o sistema internacional como um sistema socioeconômico global (capitalista) sobreposto a estruturas políticas secundárias.

Metodologicamente, Halliday sugere quatro instrumentos que serão utilizadas como elementos de pesquisa: a) *causa*: até que ponto o “internacional” produz a revolução; b) *política externa*: como os Estados Revolucionários conduzem as relações com outras nações; c) *respostas*: qual é a reação dos outros Estados; d) *formação*: como num período mais longo os fatores internacionais e do sistema mundial constroem o desenvolvimento interno pós-revolucionário dos Estados e condicionam sua evolução política, social e econômica.

Esses elementos representam, igualmente, uma ferramenta indispensável para o estudo do impacto de tais rupturas no sistema internacional, ou na ordem mundial. Sobre tal realidade a área dos estudos de Defesa deve buscar elementos analíticos e teóricos para se ajustar a novas situações, pois as revoluções não apenas *perturbam* a ordem mundial: elas a *transformam*. Como as Forças Armadas são partes constitutivas do Estado, encarregadas da sua proteção, e como os estudos de Defesa tendem a estar linearmente ligados à ordem vigente, muitas vezes perdem a dimensão da transformação do ambiente em que devem operar. Os grandes analistas e estadistas estudaram a revolução não sob um prisma político-ideológico, mas como um fenômeno político de luta pelo poder. Assim, conseguem compreender e formular estratégias adequadas à realidade.

## REFERÊNCIAS

- Aguirre, M., Matthews, R. 1989. *Guerras de Baja Intensidad*. Madrid: Fundamentos.
- Armstrong, D. 1993. *Revolution and World Order: The Revolutionary State in international society*. Oxford: Clarendon Press.
- Arrighi, G. 1996. *O longo século XX*. São Paulo: Unesp.
- Bonnet, G. 1963. *Guerrilhas e Revoluções*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brucan, S. 1974. *La disolución del poder: Sociología de las relaciones internacionales y políticas*. Mexico: Siglo XXI.
- Buzan, B., Waever, O. 2003. *Regions and powers: the Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Calvert, P. 1984. *Revolution and International politics*. London: Frances Pinter.
- Chan, S., Williams, A. 1985. *The Renegade States. The evolution of revolutionary foreign policy*. Manchester: Manchester University Press.



Davis, M. 1985. "O Imperialismo Nuclear e Dissuasão Extensiva". In: Thompson, E. e outros. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense.

Demko, G., Wood, W. (Ed.). 1999. *Reordering the world. geopolitical perspectives on the 21st century*. Boulder: Westview Press.

Deutscher, I. 1991. *Marxismo, Guerras e Revoluções*. São Paulo: Ática.

Fossaert, R. 1994. *El mundo en el siglo XXI: una teoría de los sistemas mundiales*. México: Siglo XXI.

Gladstone, J., Gurr, R., Moshiri, F. (Ed.). 1991. *Revolutions of the late Twentieth Century*. Boulder/Oxford: Westview.

Jackson, R., James, A. (Ed.). 1993. *States in a changing world*. Oxford: Clarendon Press.

Halliday, F. 1999. *Revolution and World Politics: the rise and fall of the sixth great power*. Durham: Duke University Press.

Halliday, F. 2007. *Repensando as Relações Internacionais*. Trad. De Cristina Soreanu Pecequilo. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. 1983. *Génesis de la Segunda Guerra Fría*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.

\_\_\_\_\_. 1989. *Cold War, Third World*. London: Hutchinson Radius.

Hopkins, T. et al. 1998. *The age of transition: trajectory of the world-system 1945-2025*. London: Zed books.

Kaldor, M. 1998. *New & old wars: organized violence in a global era*. Cambridge: Polity Press.

Kissinger, H. 1973. *O mundo restaurado*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed.

Kolko, G. 1994. *Century of War*. New York: The New Press.

Moore Jr., B. 1975. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Lisboa: Cosmos.

Richards, M. D. 2004. *Revolutions in World History*. Nova York: Routledge.

Skocpol, T. 1979. *States and Social Revolutions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schutz, B., Slater, R. (Ed.). 1990. *Revolution and political change in the Third World*. Boulder: Lynne Rienner/ London: Adamantine.

Toynbee, A. 1963. *A América e a Revolução Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.

Visentini, P., Pereira, A. D., Martins, J. M., Ribeiro, L. D., Gröhmman, L. G. 2013. *Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional*. Porto Alegre: Leitura XXI/NERINT-UFRGS.

Westad, O. A. (Ed.). 2007. *The Global Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press.

Zorgbibe, C. 1977. *A Guerra Civil*. Lisboa: Publicações Europa-América.

O IMPACTO DAS REVOLUÇÕES NA ORDEM MUNDIAL:  
UMA AUSÊNCIA NOS ESTUDOS DE DEFESA

RESUMO

O fenômeno da Guerra tem sido um dos focos centrais dos Estudos de Defesa. Todavia, as revoluções pouco são estudadas em seu impacto internacional, entre os quais a provocação de guerras, pois geralmente são encaradas como “subversão” interna, mesmo que provocada por agente externo. As revoluções não apenas perturbam a ordem mundial, mas a redefinem, juntamente com a agenda de defesa. Assim, por exemplo, não é possível analisar a China apenas como um Estado, pois sua percepção de defesa possui elementos que remetem à revolução e seu regime político. Por isso, é necessário agregar o impacto das revoluções nos estudos de Defesa.

Palavras-chave: Revoluções; Defesa; Ordem Mundial.

ABSTRACT

The War phenomenon has been one of the central focuses of Defense Studies. However, revolutions are little studied in their international impact, among them the provocation of wars, since they are generally considered as internal “subversion”, even if provoked by an external agent. The revolutions not only disrupt the world order, but redefine it, along with the defense agenda. For example, it is not possible to analyze China only as a State, since its perception of defense has elements that refer to the Revolution and its political regime. Therefore, it is necessary to add the impact of the Revolutions in the studies of Defense.

Keywords: Revolutions; Defense; World Order.